**Capítulo IIº - MISERICÓRDIA**

ABORDAGENS

**1º Enfoques filosóficos**

A Misericórdia é hoje, para muitos, uma palavra difícil. Considerada uma “debilidade”, convém recuperar o sentido original do termo.

A mensagem cristã de um Deus misericordioso é uma mensagem bíblica. A teologia no entanto fez ligação com experiências humanas gerais e sua interpretação filosófica, pois, ponto de partida é a experiência humana da compaixão para a pessoa que sofre.

Compaixão e misericórdia em latim são conceitos que se sobrepõem. E isso vale também para a linguagem bíblica.

A Palavra latina “misericórdia” significa: ter o coração *(cor)* com os pobres *(miseri)*, para os pobres. E isto é sinal não de fraqueza, mas fortaleza. Nisso consiste a verdadeira liberdade de todo egoísmo, livres de si mesmos para esquecer-se de si e ultrapassar, por assim dizer, seus próprios limites.

**A) FUNDAMENTO na *Antiguidade e na Idade Média***

A filosofia antiga já se ocupou do tema da compaixão, tema, no entanto, desde o princípio controverso.

- *Platão* contrapôs a compaixão à conduta determinada pela razão e pela justiça. Ela pode impedir o juiz de proferir um juízo justo.

- *Aristóteles* sustenta uma visão mais positiva. A experiência do sofrimento imerecido de outra pessoa nos afeta; na compaixão o sofrimento alheio ressoa a simpatia (literalmente: *com-padecer*) e a solidariedade. O mal sofrido imerecido afeta-nos, provoca compaixão *(éleos)* medo *(phobós)* e conduz à purificação interior *(katharsis)* do espectador.

- Bem diferente é a posição dos *estóicos*, para quem a compaixão não é compatível com a ética da *stoá*, onde a razão domina os sentimentos, a insensibilidade e a imperturbabilidade *(autarquia e ataraxia*). Para o estóico a compaixão é uma enfermidade da alma. O estóico deve permanecer indiferente diante do próprio e do alheio sofrimento e lutar pela apatia (*apátheia = sem-paixão*).

Os estóicos porém também apreciavam a clemência *(clementia)* ,a filantropia (*humanitas*) e o altruísmo benevolente ( *benignitas*).

- *Os Padres da Igreja*, baseados na Bíblia não se pronunciaram sobre este ideal estóico.

*Santo Agostinho* e mais tarde *São Tomás de Aquino* interpretaram o termo “misericórdia” no seu sentido linguístico (*cor-miseri*) e - seguindo Aristóteles - a compaixão = com-sofrimento (*Miserum cor habemus super miséria alterius*) não é só um sentimento afetivo, mas efetivo e operativo na luta para vencer a miséria e o mal. Deus não é passivamente atingido pelo sofrimento alheio, mas só a Ele deve-se a resistência ativa para vencer e superar a miséria e o mal.

- Y.Congar( teólogo francês do Vaticano II) explica São Tomás de Aquino: Deus não é como um juiz ou um funcionário, que aplica a lei estabelecida por autoridade superior. Ele é um Senhor soberano que não está sujeito à lei de ninguém, e dá soberanamente seus dons. Não procede de forma arbitrária, mas conforme a sua própria bondade.

A misericórdia não contradiz a justiça, mas transcende-a.

A misericórdia é o cumprimento da justiça.

- Não como no mundo greco-romano, *o cristianismo primitivo* desenvolveu a assistência aos pobres no plano privado e comunitário. Era uma responsabilidade direta dos Bispos, ajudados pelos diáconos. Já no séc. IV surgiram residências para os enfermos, para os peregrinos… e *na média idade* os primeiros hospitais e ordens religiosas.

Por muitos anos o Cristianismo influenciou a cultura europeia. Sem este impulso não é possível compreender a história cultural e social da Europa e nem da Humanidade. Ao Cristianismo deve-se o início sistemático na história da humanidade da atenção aos pobres, doentes, peregrinos e a fundação de escolas, mosteiros, hospícios, leprosarias, etc… de todo tipo de solidariedade social gratuita, por santos e voluntários. *(Hoje os Governos dos Estados assumem os serviços sociais, mas pagos com os impostos ao povo e com funcionários pagos).*

**B) UNIVERSALIZAÇÃO E CRÍTICA DA COMPAIXÃO**

 **na *Era Moderna***

O desenvolvimento moderno da assistência aos pobres e enfermos não nasceu por acaso, mas da cultura social medieval emprenhada do espírito do Cristianismo. - Determinante foi *Jean Jacques Rousseau.* Para ele a compaixão é um sentimento que precede toda a reflexão, todas as virtudes sociais … pois permite colocar-se no lugar do outro e estabelecer uma relação social com os outros.

O amor para uma pessoa que está próxima converte-se também em amor à pessoa que está longe. Cabe perguntar se uma tal universalização da compaixão não comportará em si uma exigência desmesurada. Hoje (ex. pela televisão) transmitem - se casos individuais que suscitam uma onda de compaixão e donativos dignos de louvor.

*- G.E.Lessing* , iluminista : põe a compaixão entre as mais importantes virtudes burguesas. A pessoa mais compassiva é a melhor pessoa, a mais disposta a todas as virtudes sociais. A tragédia desperta no espectador compaixão e temor. - *Hegel*: a compaixão é, pois, para além do mero sentimentalismo, expressão do reconhecimento da dignidade que corresponde à pessoa que sofre.

- *Schopenhauer* – (influenciado pelo budismo) a compaixão é um “fenómeno quotidiano”. É a participação imediata no sofrimento do outro ser. É o mistério da ética, o reconhecimento próprio no outro.

- A misericórdia e a compaixão nas teorias modernas se contradizem, dependendo de se guiarem pela sensibilidade humana ou por uma ética racional.

Representante da ética racional é *Immanuel Kant,* o filosofo mais influente na época moderna. Ele foi crítico às éticas baseadas em sentimentos como a compaixão. Para ele só conta a *ética racional do direito*. Para uma conduta ética valem não motivos emocionais, mas unicamente racionais evidentes em si mesmos. *“Atua unicamente de acordo com aquela máxima que te permita desejar ao mesmo tempo que ela se torne uma lei universal”*. A ação moral só se pode fundar na razão e não em motores sentimentais como a compaixão.

Kant assume a doutrina estóica. Sentir compaixão por alguém a quem não posso ajudar, aumenta por um lado o sofrimento e *“é uma forma ofensiva de fazer o bem, pois expressa uma benevolência, referida ao indigno e chamada misericórdia, entre pessoas que não se podem orgulhar legitimamente da dignidade de serem felizes, benevolência essa que não deveriam manifestar umas com as outras “.*

Kant, no entanto, não teria sido o grande filosofo se não tivesse denunciado os *limites da sua ética racional*. No fim de sua *Critica da Razão Prática* ele formula uma série de *postulados*, isto é de exigências do pensamento e pressupostos não demonstráveis, mas cuja aceitação se torna necessária para a inteligibilidade e possibilidade da moral. Primeiro: a existência de Deus, pressuposto para garantir a sintonia da moralidade do homem com a natureza e sua felicidade. Depois o Reino de Deus: só a religião possibilita a esperança numa condição humana razoável e sucedida. Mais: ele vê o mundo nas mãos do maligno e todo homem tem o coração perverso. Então a graça é um postulado da razão prática e o Cristianismo é a única religião moral, pois oferece uma colaboração superior que faz transbordar as capacidades do ser humano. A filosofia pode manter o pensamento humano aberto à realidade da graça e o discurso sobre a misericórdia divina é humanamente compreensível e justificável.

**C) NOVOS ENFOQUES nos SÉC. XX e XXI**

No séc. XX o enfoque intelectual de Kant, centrado no indivíduo, encontrou decidida oposição. *E. Husser , Max Scheler* … voltaram a atenção para a realidade objetiva inter-humana, e fizeram da empatia o principal ponto de partida do seu pensamento.

Aluna destes filósofos é *Sta. EdithStein*.

A compaixão representa um fenómeno humano original. Há duas formas de compaixão: o mero contágio sentimental e a compaixão autêntica que expressa uma relação pessoal com o sofrimento concreto do outro.

*M. Buber* e outros no pensamento post-moderno consideram o ser humano não monológico, mas dialógico, um ser que vive essencialmente em relação com os outros. E na *escola de Francoforte* a compaixão torna-se importante sob o ponto de vista da solidariedade com as pessoas que sofrem e são oprimidas.

*Walter Schulz*:”*A compaixão é a suma e última possibilidade de salvar o ser humano na sua “existência nua” à luz da negação direta desta mesma existência”.*

*E.Levinas* criticou a posição central do eu como indivíduo que pode proferir juízos éticos e conceber verdades morais, substituindo pelo dever prévio de respeitar o direito incondicional do outro. Os fenómenos humanos do amor, da compaixão e do perdão voltam a converter-se em foco de atenção… dando uma nova visão sobre a relação da justiça e o amor.

*Heidegger* critica as estruturas, no seu entender, autoritárias e totalitárias do indivíduo moderno e da razão, desmascarando as estruturas do poder.

Depois de um séc. de crimes inconcebíveis e injustiças escandalosas *J. Derrida* põe a questão do perdão. Há crimes que são imperdoáveis. O perdão contradiz a mera justiça. Como pode um Deus que deve ser visto como justo mostrar-se misericordioso para os perpetradores, sem violentar as próprias vítimas, que não podem estar de acordo com o perdão? Derrida procura dar uma resposta à questão do equilíbrio entre a justiça e o perdão. A exigência de justiça infinita leva a desconstrução dos sistemas jurídicos existentes e serve para fazer ao mesmo tempo justiça ao indivíduo. A justiça enquanto tal vai além do direito e *no conceito do perdão está inscrita uma herança religiosa*. A teologia pode então entender esta indicação de Derrida e desenvolver um pré-conceito de Deus, ao mesmo tempo justo e misericordioso.

Mas *o amor é uma solidariedade incondicionada que vai além da justiça*, vai até ao amor para os inimigos. O amor não é troca e justo cálculo, faria perigar a coesão social, necessita ser corrigido pela justiça. A resolução desta tensão é um projeto possível na escatologia.

Resumindo, as últimas análises fenomenológicas colocam interrogações com as quais remetem para além de si mesmas. E como falar de um clamor *“de profundis”.*

A misericórdia é, por essência, um acontecimento livre que pode ser acolhido ou afastado livremente. Num último esforço de pensamento podemos formular o postulado sobre a misericórdia, demonstrando que o discurso cristão sobre a misericórdia é uma resposta sensata e útil sobre a situação do homem.

*A filosofia pode ajudar a teologia* a demonstrar que sua mensagem é razoável, sem esquecer que a Revelação tem uma dimensão que transcende o mero pensamento humano. Assim, a palavra Cruz é um escândalo para a razão natural (1Cor 2,23). Karl Rahner *(na sua primeira obra: Ouvinte da Palavra – Horer dês Wortes),* Th. Propper, Herman Krins e outros…- chamam atenção que as tentativas dos filósofos sobre a religião são dignas de atenção, não são mera especulação. Antes pelo contrário, o clamor pelo perdão e a reconciliação e, por conseguinte, pela misericórdia, está omnipresente no mundo secular e milenar das religiões e constitui um fenómeno humano universal.

1. **À procura dos indícios da misericórdia**

**NA HISTÓRIA DAS RELIGIÕES**

Hoje o mundo está cada vez mais inter-relacionado e vivem entre nós fiéis de outras religiões. É necessário chegar ao entendimento e à livre convivência para lá da nossa cultura. A compaixão e a clemência são fenómenos humanos universais e profundamente religiosos.

Afirma o Conc. Vaticano IIº: todas as religiões querem dar resposta aos enigmas da condição humana: Que é o homem? Que sentido tem a vida? Que é o pecado? De onde vimos e para onde vamos? E a empatia é uma das maiores virtudes. Vamos dar umas indicações, um esboço de visão sobre as grandes religiões.

- O **Hinduísmo**. É a terceira religião depois do Cristianismo e Islamismo em número de crentes. Designa diversas correntes, diferentes imagens de Deus, escolas e conceções que não têm um credo comum nem uma instituição central. O termo *ahimsa*, que na espiritualidade hindu corresponde ao nosso “empatia - compaixão”, é interpretado de forma heterogénea, designa mais a *renúncia à violência*. Mahatma Gandhi foi mestre no sentido da não-violência, aplicando-o a todas as parcelas da vida, inclusive à política. A ideia da resistência não violenta influenciou os movimentos de direitos civis no mundo ocidental.

O movimento de Radha-Krishna o entende como religião da humanidade; como também o movimento dos Ashrame, as formas de meditação do joga, transferido em forma acrítica no ocidente como espiritualidade hindu.

- **O Budismo**. Discute-se se é religião ou uma doutrina da sapiência que não conhece a realidade de Deus no sentido ocidental. Segundo as lendas de Buda, a experiência do sofrimento humano é parte da experiência de conversão de Buda. Toda a vida é sofrimento. O mal é superado por meio da conduta ética, da meditação, da compaixão, da bondade entendida como forma de amor ativa e desinteressada para com todos. Compaixão (*karuna*) é partilha, pela empatia do sofrimento e do destino das pessoas. Por último o que conta até a vivência do nirvana, é a experiência de unidade de todos os entes, na qual se diluem todas as resistências e aversões com elas relacionadas. No Budismo *amida,* a confiança na ajuda do Buda, transcendente desempenha um papel determinante.

A partir do séc. XIX o Budismo passou a ter atração no Ocidente, tendo no filósofo Schoppenhauer o “primeiro budista europeu”. Ultimamente o budismo deu-se a conhecer através do Dalai-Lama, como pela Nova Era e o Esoterismo.

A escola de Quioto (D. Teitaro Suzuki) tenta uma aproximação do Budismo ao Cristianismo por via mística.

**- O Islamismo.** Na Europa está em primeiro plano o encontro com o Islamismo, que tem raízes vétero e neo-testamentárias, e conjuntamente com o Judaísmo e o Cristianismo, é considerado uma das religiões abraâmicas e monoteístas.

Há diferenças fundamentais entre as três religiões quanto à conceção de Deus (*doutrina da Trindade*) e à Cristologia (*filiação divina e morte na cruz de Jesus*).

No Corão 114 suras começam com *“Em nome de Deus, o Misericordioso, o Compassivo”.* Dos 99 atributos de Deus os mais utilizados são misericordioso e compassivo. Qualquer muçulmano deve sentir compaixão (*rahmah*) pelos presos, as viúvas e os órfãos e pagar uma esmola (*zekat*). È inegável a influência que o Islamismo teve na matemática (sistema decimal) na astrologia, na medicina, na filosofia e poesia.

O Conc. Vaticano IIº fala com estima dos muçulmanos, e exorta a superar as discórdias e inimizades do passado, recomenda o esforço comum em defesa da justiça, da paz, da liberdade para todas as pessoas.

É uma questão em aberto se haverá um Islamismo europeu capaz de integrar uns direitos humanos fundamentais (liberdade religiosa, igualdade de direitos das mulheres, etc.).

- Cabe afirmar o seguinte: a despeito de muitas e profundas diferenças entre as diferentes religiões, existem também elementos de aproximação e pontes de entendimento. Sem paz entre as religiões não é possível alcançar a paz mundial.

O Conc. Vat. II afirma: *“A Igreja Católica nada rejeita do que nessas religiões existe de verdadeiro e santo. Olha com sincero respeito esses modos de agir e viver, esses preceitos e doutrinas que, embora se afastem em muitos pontos daqueles que ela própria segue e propõe, todavia, refletem não raramente um raio de verdade que ilumina todos os homens”*. ( *Nostrae Aetate, nº2* )

Mas, para a Concílio, a Luz do mundo e dos povos é Jesus Cristo. (Jo 8,20)

A existência de pontos de contacto e de pontes de entendimentos não justifica o pressuposto que todas as religiões são iguais no essencial, sobretudo no que se refere à compaixão. O entendimento recíproco e a colaboração nunca devem conduzir ao nivelamento indiferenciado, mas sim ao respeito pela alteridade do outro.

Só numa tolerância positiva por converter-se numa convivência pacífica e numa colaboração frutuosa.

Há por isso uma regra de ouro.

**3. A REGRA DE OURO como ponto de referência comum.**

Embora existam inúmeras diferenças entre as religiões, existem também afinidades. Entre essas há a ***regra de ouro*** que afirma: *uma pessoa não deve fazer aos outros nada que não queira que os outros lhe façam a ela.*

A sabedoria popular diz: *“não faças aos outros o que não queres que te façam a ti”*. Encontra-se em todas as religiões, no judaísmo (Tb 4,1 ; Sir 31,15) e no Sermão da Montanha no Novo Testamento (Mt 7,12; Lc 6,31).

(Não vale a pena discutir porque no A.T. está em forma negativa e no N. T. em forma positiva.)

Santo Agostinho diz: *“Deus inscreveu a regra de ouro no coração do ser humano”.*

A Declaração Ética Mundial do parlamento das religiões (Chicago 1993): é uma tradição da humanidade, é património cultural da humanidade. Isto quer dizer que a empatia, a compaixão, a clemência fazem parte da sabedoria universal.

É certo que existem e existiram numerosos conflitos, até sangrentos, por motivos religiosos, pois as religiões são não só ambivalentes, mas também contraditórias. Mas têm também pontos em comum que mostram que nenhuma das grandes religiões da humanidade pode glorificar a violência ou favorecer a desconsiderada imposição das suas crenças. A violência representa um mal-entendido, um abuso e uma *blasfémia* da verdadeira religião.

Todavia esta regra de ouro pode registar perguntas críticas.

S.to Agostinho diz que a regra depende do que se quer fazer de bem ou mal para si e para o outro. Por isso a regra deve ser precisada e interpretada no contexto global de cada caso, contexto que é diferente em cada religião. Nem todos têm a mesma mentalidade e maneira de seguir sua religião.

Então nasce a ideia de uma ética comum baseada no mínimo denominador comum. Mas seria algo de artificial.

Para nós vale a forma como Jesus assumiu a regra de ouro. No Sermão da Montanha, no mandamento do amor que inclui até os inimigos.

Assim a ética cristã pode unir-se a tradição religiosa mundial, não como um humanismo comum a toda a humanidade, mas como uma *determinatio*, como diz S.Tomás de Aquino, da moral natural por meio do Evangelho.

A moral natural é determinada de maneira concreta e, neste sentido, *“dotada de univocidade a partir do Evangelho”.*

O facto de a compaixão e a misericórdia serem virtudes humanas universais anima-nos a encetar o diálogo com as outras culturas e religiões e a trabalhar em conjunto com elas em prol da convivência e paz no mundo.

Neste nosso mundo ocidental, onde se está a perder a capacidade do altruísmo e do perdão recíproco e avança o egoísmo e a indiferença em relação ao próximo; onde as relações interpessoais limitam-se nos processos económicos, estamos a pôr em perigo a tradição da misericórdia cristã, que determinou de forma decisiva a nossa cultura ocidental e para além dela, a cultura da humanidade. É urgente recordá-lo no dia de hoje.

Dificilmente haverá um tema mais importante do que este.

**CÂNTICO DA ESPERANÇA**

( salmo 130 – DE PROFUNDIS )

Do fundo do abismo clamo a ti, Senhor, Senhor, ouve a minha prece ! Estejam teus ouvidos atentos

à voz da minha súplica!

Senhor, quem poderá resistir?

Mas em Ti encontramos o perdão,

por isso Te fazes respeitar. Eu espero no Senhor! Sim, espero!

A minha alma confia na sua palavra.

A minha alma volta-se para o Senhor,

mais do que a sentinela para a aurora.

Mais do que a sentinela espera pela aurora,

Israel espera pelo Senhor;

porque n’Ele há misericórdia e com Ele é abundante a redenção. Ele há-de livrar Israel de todos os seus pecados.